

As ordens e direitos de trabalho de Pai Tomé e o médium magista

Ouvi os tambores rufarem
Lá nas matas da Guiné
Era Congo saravando
Era Congo Pai Tomé
Saravá linha do Congo
Saravá Pai Tomé
Saravá linha africana
A linha de nossa fé

O ponto cantado de Pai Tomé é de intensa vibração e de rara beleza aos nossos sentidos auditivos e psíquicos. Os tambores são considerados sagrados, a “voz” dos deuses, a *reza forte* em diversas religiões ao longo da história planetária. Servem como ponto de apoio da vibração original geradora e mantenedora do Cosmo, o AUM. Esse som primordial, o Logos, o Verbo Divino, desce numa linha vertical e encontra uma escora focal na percussão dos atabaques na Umbanda, disseminando-se em diversos ritmos peculiares aos Orixás em toque e cantos específicos, aspectos diferenciados do grande indiferenciado: Olurum, Obatalá, Zambi, Tupã, Grande Arquiteto do Universo ou simplesmente Deus.

Essa sonoridade sagrada movimenta ondas eletromagnéticas ligadas aos reinos da natureza oculta e tem um alcance inimaginável. Quando os tambores rufam na Umbanda, os pretos velhos estão trabalhando. E preto velho trabalhando, mandigando e

fazendo mironga é a voz de Jesus evangelizando. Salve o Verbo que orienta, consola e cura, espiritualiza e desperta em nós o verdadeiro significado de religiosidade, que liberta e nunca aprisiona! Salve o Verbo que faz com Jesus a *reza forte* dos pretos velhos, entre cachimbadas e galhos de arruda e guiné! Salve Pai Tomé, incansável e amoroso orientador do Cristo!

Nosso eterno preito de gratidão a Roger Feraudy, o mais fiel e cristalino aparelho mediúnico dessa vibratória que já encarnou. Estrela que hoje nos alumia de Aruanda, no passado recente nos transmitiu, em perfeita incorporação, as ordens e direitos de trabalho de Pai Tomé, riscando seus sinais de pomba em volta de nossa cabeça, circundando o nosso Ori (chacra coronário).

Que possamos honrar os compromissos que nos foram passados da raiz de Pai Tomé muito antes de reencarnarmos e dar continuidade a sua linhagem iniciática na Terra, que se encontra no evo dos tempos, num mesmo eixo vibracional que une hebreus e nagôs, atlantes e iorubás, cruzamentos que se interpenetram na lonjura do passado como uma única linha riscada no chão que pisamos hoje, que se iniciou pela ação amorosa do Criador e nunca terá fim.

Há de se registrar um fato marcante nesta minha caminhada. Roger Feraudy fazia visitas regulares a Porto Alegre, onde resido, oportunidades em que nos encontrávamos e que me foram transmitidos muitos ensinamentos. Certa feita, recebi um telefonema com o recado de que ele estaria em breve novamente na cidade e que Pai Tomé queria falar comigo. Então, foi pedida pela veneranda entidade a participação de um grupo de cinco médiuns “emprestados” para firmar uma corrente, propiciando, assim, a realização de um rito específico de transmissão de raiz, que ocorreu na residência de uma amiga espiritualista conhecida de Roger, dado que me foi impossível realizá-lo no terreiro ao qual estava vinculado na ocasião como médium de consulta nas giras de caridade.

Na data do encontro solicitado, Pai Tomé incorporou e me transmitiu suas ordens e direitos de trabalho, confirmando que, daquele momento em diante, eu estaria preparado para fundar um

terreiro, dando continuidade ao seu trabalho na Umbanda. Roger Feraudy já tinha me presenteado com o cachimbo, o coité e o jogo de búzios que ele utilizara por mais de cinquenta anos de mediunato. Lembro-me de que, sentado de joelhos à frente daquele velhinho de cabeça branca, a voz arrastada e melodiosa de Pai Tomé fazia-nos chorar junto com seu aparelho. Disse-lhe, após ter recebido os sinais de peroba do velho “payé” riscados diretamente ao redor de minha cabeça, que não pensava em abrir um centro de Umbanda, que me achava despreparado. Pai Tomé, com seu amor e profunda clarividência, recomendou-me que eu aguardasse os acontecimentos no seu devido tempo e disse que eu sempre deveria me sentir despreparado, incapaz, pois, no dia em que me sentisse totalmente preparado, minha queda se iniciaria rapidamente. Palavras proféticas que se realizaram em pouco tempo. Até hoje me sinto incapacitado para tão séria e árdua responsabilidade – ser fundador de uma comunidade de terreiro. São os mentores astralizados os responsáveis e mercedores do crédito por todos os trabalhos realizados. Sem eles, nossa queda seria rápida e inexorável.

Disse-nos ainda Pai Tomé, por meio da sensibilidade cristalina de Roger Feraudy, que os três maiores motivos da queda de médiuns são o sexo desregrado e promíscuo, o recebimento financeiro de serviços com a mediunidade e a vaidade. É importante esclarecer que o espírito de Pai Tomé que trabalha comigo não é o mesmo que incorporava em Roger Feraudy. Acreditamos que Babajiananda, o Pai Tomé que o amparava, “subiu” para um plano vibratório que nos é impossível compreender ou alcançar no presente estágio evolutivo. O “nosso” Pai Tomé, conforme descrito no livro *Aos pés do preto velho*, espírito manso e misericordioso, se apresenta à nossa visão psíquica como um ancião negro com a aparência frágil e mansa dos iogues, de baixa estatura, calvo, barbas brancas ralas até o meio do peito, um tanto curvado, por vezes segurando um cajado com a mão direita, completamente despojado de vestes elaboradas ou insígnias sacerdotais. Cobre-o diamantífero manto, aos moldes do singelo pano branco que Gandhi usava, deixando a metade do

seu peito desnudo. Espírito de gigantesco amor pela humanidade, vive desde há muito tempo inteiramente dedicado à causa de Jesus, da evolução da coletividade terrena.

Sob muitos aspectos vibratórios, acredito que todo médium na Umbanda é, em menor ou maior grau, um mago. Ele ativa e desativa constantemente, durante as consultas espirituais, os campos de forças dos Orixás pelas suas rogativas, invocações e evocações. Amparam-no as entidades astrais que o assistem por meio do mediunismo. Um verdadeiro médium magista tem uma conduta ilibada, de moral elevada, e busca incessantemente sua evangelização. Tem ordens e direitos de trabalho junto aos pontos de força da natureza (Orixás) fixados em seu mental e perísprito antes de sua encarnação pelos guias astrais que o assistem e que, por sua vez, terão de ser ativados em rito propiciatório por uma entidade de fato e de direito numa espécie de linha de sucessão cármica. Cabe-lhe honrá-los com humildade e diligência, zelando com afincos pelos poderes mágicos que lhe foram outorgados.

Por sua vez, existem zeladores astrais que “vigiam” e guardam os campos de forças dos Orixás para que o médium-mago não distorça suas ordens e direitos de trabalho, objetivando sempre o bem coletivo. Essas ordens de trabalho podem ser retiradas a qualquer tempo, pois não pertencem ao médium – notadamente quando ele se desvia do caminho reto do Evangelho de Jesus, distorcendo-o e sendo causador de efeitos negativos pela magia gerada, desrespeitando o livre-arbítrio e o merecimento dentro da Lei de Causa e Efeito que rege a harmonia energética da coletividade. Nesses casos, o efeito de retorno é terrível, podendo o médium faltoso adoecer abruptamente ou, o que é muito pior, cair rapidamente nas garras do Astral inferior e seus quiumbas, espíritos mistificadores e embusteiros que se fazem passar por caboclos, pretos velhos e exus da genuína umbanda – a Lei Maior Divina em ação –, levando à derrocada, muitas vezes, todo um agrupamento.

Preâmbulo de Ramatís

Amigos e irmãos em Cristo, quando esta singela obra, que entendemos de bom alvitre intitular-se *Reza forte*, chegar às suas mãos, cumprimos mais um de nossos compromissos de cooperação para a evolução de um grupo de espíritos simpáticos ao nosso amor, desde eras remotas em que o planeta azul não existia, tal a antiguidade dos laços que nos unem, à mercê da misericórdia do Criador.

Rejubila-nos a possibilidade de poder auxiliar aos que tomam contato com os nossos despreziosos textos ditados do Além. Impossível agradar a todos, e nunca foi essa a nossa intenção. Diante dos usos e costumes que aprendemos dos Maiorais do Espaço, em que Jesus é nosso Mestre, não alimentamos as vaidades messiânicas dos homens, tampouco almejamos quaisquer distinções especiais nas confrarias fraternas ligadas às diversas religiões da Terra que existem do lado de cá.

Tendo os africanos que vieram para o Brasil sido “obrigados” a dividir um mesmo espaço para cultuar suas divindades, o Alto esquematizou sagrado plano de resgate de uma grande plêiade de egos comprometidos com a opressão religiosa no passado. Reverberam

ainda os preconceitos e equívocos humanos diante do legado cultural religioso das diversas etnias que existiram no orbe. Obviamente, os ortodoxos se prendem a cartilhas prontas e definitivas e se fecham para quaisquer “novidades”. Não é a esses que buscamos esclarecer, mas àquelas almas que já lutam para se libertar das formas escravizantes da matéria. Infelizmente, muitos ritos, liturgias e cerimoniais praticados na Umbanda ainda carecem de uma reinterpretção, a fim de inserir-se num conceito mais atual.

A velha e genuína magia africana, apresentada nas práticas mágicas populares com roupagem nova, não deve contrariar os mandamentos organizadores do Cosmo. A herança da Terra regenerada impõe aos homens que sejam melhores, mais evangelizados, pacíficos e sensíveis. Assim sendo, para permanecerem na tessitura do orbe, terão de dominar as tendências hereditárias da animalidade tribal. O aperfeiçoamento espiritual se concretiza no imo do ser quando ele consegue vivenciar o princípio espiritual superior e verdadeiro da individualidade imortal, impondo-se sobre as ilusões e disposições psíquicas embrutecidas da linhagem animal presa na matéria.

As religiões e, notadamente, a Umbanda, foco de *Reza forte*, são um “meio” e não o “fim” para o cidadão galgar sua ascese espiritual, quando deve governar a si mesmo e não ser governado por ritos deprimentes elaborados por sacerdotes venais que Jesus classificou como “tesouros que as traças comem e a ferrugem rói”. Obviamente, os egos reencarnados ainda são prisioneiros da atraente vida física enquanto ignoram a realidade espiritual eterna e se deixam escravizar por obrigações rituais geradoras de processos de subjugação espiritual, tão comuns nos prosélitos temerosos de punições dos santos. Enquanto o cidadão não identificar sua natureza sublime e imortal, que refulge da latência do reino divino em si mesmo, será prisioneiro de métodos divinatórios, predições, esconjuros, divindades, “Boris” e “ebós”, impedido de se libertar, com

a consciência imantada nas algebras gravitacionais da morfologia terrena.

Assim como a luz do Sol, que ilumina as peças de uma residência mas não adere à forma transitória do vidro das janelas, o espírito pode iluminar-se associado às configurações religiosas efêmeras do mundo, ativando a conscientização espiritual e vinculando-se a ritos e cerimoniais mediúnicos, mas nunca deve perder a autonomia sideral interna nem escravizar-se aos métodos ritualísticos externos – meras fórmulas disciplinadoras do intercâmbio interdimensional.

Rogamos a Oxalá que este livro denominado *Reza forte* contribua para os que são simpatizantes às nossas ideias e labores espirituais, para a libertação deles e para que a Umbanda seja cada vez mais uma religião libertadora, de amor incondicional, em conformidade com os desígnios traçados por Jesus.

Paz e Luz.

Ramatís

Porto Alegre, 21 de maio de 2013.